

Mudança Climática e Percepção de Risco na Amazônia e no Semiárido Brasileiros

Climate Change and Risk Perception in the Brazilian Amazon and Semi-arid Regions

Flávio Eiró¹

RESUMO

Este trabalho analisa a construção social de risco associado à mudança climática com base em duas pesquisas baseadas na aplicação de questionários: uma em nível nacional no Brasil, e outra em dois territórios rurais na Amazônia e no Semiárido brasileiros.

Palavras-chave: Mudança Climática; Risco; Amazônia; Semiárido; Agricultura Familiar.

ABSTRACT

This work examines the social construction of risk associated with climate change based upon two surveys: one in a national level, in Brazil, and the second in two rural areas in the Brazilian Amazon and Semi-arid regions.

Keywords: Climate Change; Risk; Amazon; Brazilian Semiarid; Family Farming.

Dissertação apresentada ao Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, área de concentração em Política e Gestão Ambiental. Tipologia: dissertação de mestrado; Orientação: Marcel Bursztyn. Depósito: Repositório Institucional, Universidade de Brasília, 2012 [<http://repositorio.unb.br/handle/10482/10768>].

¹ Doutorando em sociologia na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris, membro do Centro Maurice Halbwachs, em co-tutela com o Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. E-mail: flavioeiro@gmail.com

SUMÁRIO EXECUTIVO

A partir da teoria da “sociedade de risco” proposta por Ulrich Beck, este trabalho analisa a construção social de risco associado à mudança climática e ao aquecimento global. Após o apanhado teórico e discussão sobre a aplicação da teoria ao caso da mudança climática, são expostas duas diferentes pesquisas de caráter quantitativo baseadas na aplicação de questionários. A primeira em nível nacional no Brasil, e a segunda em dois territórios rurais na Amazônia e no Semiárido brasileiros, nos estados do Acre e Bahia, respectivamente.

No início da década de 1990 o sociólogo alemão Ulrich Beck ganhou notoriedade com sua obra *A Sociedade de risco*, onde analisa a sociedade ocidental à luz dos riscos ambientais modernos. Beck defende que as sociedades ocidentais experimentam mudanças radicais no que tange aos riscos ambientais, já que seu notório crescimento é acompanhado por um aumento na percepção dos mesmos por parte da sociedade em geral que, como resultado, manifesta alterações em suas crenças e interesses, e também em seus comportamentos. Aceitas essas premissas para a sociedade ocidental de forma geral, a validação das mesmas e, portanto, da teoria da *sociedade de risco*, em menores escalas, pode ajudar na compreensão do fenômeno social estudado por Beck em suas diversas nuances, com suas particularidades e mesmo exceções.

No quadro epistemológico da sociologia ambiental, e mais especificamente do construtivismo ambiental, esta dissertação propõe analisar a relevância e aplicabilidade da teoria da sociedade de risco ao caso das mudanças climáticas. Estudar a realidade social da percepção de risco não significa abarcar toda a complexidade da experiência de insegurança ou medo, principalmente tratando-se dos riscos modernos de Beck (2010). A experiência da percepção de risco não é algo uniforme, podendo assumir imagens confusas e contraditórias dentro de um mesmo grupo. Entretanto, exatamente por se tratar de uma teoria social, Beck assume que essa experiência pessoal e subjetiva é marcada por características culturais amplamente compartilhadas. Assim, assumir a percepção de risco como um fato social é aceitar que sua distribuição pode ser, em maior ou menor escala, ordenada por características sociais fundamentais. É neste contexto que se insere a segunda parte da dissertação, que tem por objetivo avaliar a percepção de risco da população brasileira a respeito do aquecimento global e das mudanças climáticas a partir de pesquisa de opinião pública a nível nacional. Buscou-se ainda analisar quais variáveis sociodemográficas são relevantes na distribuição desta percepção de risco, definido aqui como a distribuição social de risco.

Foi constatada uma relevante uniformidade na percepção de risco das mudanças climáticas da população brasileira, onde a grande maioria dos entrevistados acredita que os efeitos do aquecimento global já começaram a aparecer ou aparecerão nos próximos anos, e que suas vidas serão afetadas diretamente por eles. Esta uniformidade deve ser lida a partir da teoria de Beck – e contribuições de Giddens (1997) – quanto à natureza imperceptível dos riscos modernos, restando aos indivíduos confiar nas instituições especializadas, e também nos meios de comunicação que transmitem tal conhecimento. Levanta-se aqui a hipótese de que o fator responsável pela homogeneidade da percepção de risco encontrada na pesquisa é a televisão, que continua a ser o canal de informação mais importante no Brasil em todas as camadas sociais.

Apesar da falta de dados para comprová-la, essa hipótese surge da fraca interferência de variáveis sociodemográficas na distribuição do risco. Apenas duas das variáveis analisadas se mostraram estruturantes: renda familiar e escolaridade. Ambas com o mesmo comportamento positivo (quanto maior a renda familiar ou escolaridade, maior a percepção de risco). É preciso mencionar que existe uma ligação direta entre as duas variáveis no caso brasileiro, e que o acesso e interpretação a informação de pessoas com maior escolaridade explica essa estratificação de respostas.

Quanto às demais variáveis, algumas categorias de respostas demonstraram comportamentos

específicos, mas nenhum efeito estrutural corroborado em todas as questões. É caso de “idade”, onde se observa menor preocupação da população com mais de 50 anos. Já variáveis geográficas (região, tamanho do município, e condição do município) não apresentaram qualquer tendência, apesar dos resultados não serem conclusivos. Ao contrário de “sexo”, cuja consistência de dados permite concluir sua irrelevância na distribuição da percepção de risco.

Voltando à natureza deste risco, chega-se à duas outras conclusões à partir dos dados analisados. A primeira delas é que se trata de uma percepção de risco generalizada, onde todas as áreas da vida podem ser afetadas. Essa característica foi identificada como “onipresença do risco”, ou o sentimento geral de vulnerabilidade da sociedade de risco (EKBERG, 2007). A segunda característica diz respeito ao risco físico das mudanças climáticas. Existe um consenso (onde nenhuma variável sociodemográfica apresentou efeito relevante) quanto às áreas da vida em que os entrevistados mais temem impactos negativos das mudanças climáticas, notadamente “saúde” e “escassez de água e alimentos”.

A terceira parte da dissertação teve por objetivo analisar e comparar a percepção de risco a partir de dois estudos de caso realizados nas regiões que concentram as parcelas mais pobres dos agricultores familiares e que, apesar de diferentes em muito sentidos, apresentam condições climáticas altamente vulneráveis às prováveis mudanças no clima global: a Amazônia e o Semiárido, a partir de dois estudos de caso nos estados do Acre e da Bahia. Através da pesquisa de campo, nas diferentes localidades, chegou-se a três conclusões relevantes:

1) as mudanças climáticas representam um risco para a população pesquisada. As pessoas estão minimamente informadas sobre o assunto, e estão preocupadas, principalmente por já percebem mudanças no clima da região – alterações no regime de chuvas ao longo dos últimos anos –, sendo este um tema recorrente das interações sociais;

2) as diferenças encontradas entre os dois estudos de caso são muito poucas, apesar dos contextos naturais bem diferenciados. Foram realizados testes com variáveis sociodemográficas como sexo, atividade produtiva, faixa etária, e escolaridade, e nenhuma tendência estruturante entre estas e as questões sobre percepção do clima foram encontradas. A categoria *agricultor familiar* exerce um papel mais importante na estruturação dos dados – aqui usados para avaliar a construção de risco – do que o ambiente e respectivo clima em que estes estão inseridos. Destaca-se aqui o forte papel da televisão como fonte de informação sobre o assunto. Por outro lado, grupos sociais e instituições públicas e privadas que trabalham no campo apresentaram fraca interferência neste tema, segundo os entrevistados;

3) apesar da identificação desta percepção de risco com a estrutura teórica da *sociedade de risco*, é preciso relembrar a crítica de Dickens (1992) à teoria de Beck, no que tange à distinção entre perceber o risco e sentir-se sob o mesmo risco. A preocupação encontrada tem estruturas diferentes em cada um dos estudos de caso. Enquanto no Acre ela é de caráter pontual, associado a causas e eventos locais relativamente recentes, como o desmatamento ou as queimadas, na Bahia ela é associada como uma intensificação de fenômenos já historicamente conhecidos e presentes na cultura local. As consequências destas construções, entretanto, se aproximam: não sendo vistas como um processo de maior abrangência, de causas não locais, e que poderiam ser encaradas como irreversíveis, não existem indícios de grandes adaptações motivadas por uma nova condição climática a qual se deva adaptar-se. Alterações na forma de produzir ainda são pontuais, mas exceções do que regra geral, provenientes de iniciativas individuais. Dito de outra forma, não foi observada uma função básica das representações coletivas de risco conforme Mary Douglas (1994): manter a solidariedade social, agindo como força integradora, que poderiam ser manifestas em ações coletivas de adaptação.

Enfim, buscou-se neste trabalho contribuir para a compreensão do risco socialmente construído a respeito das mudanças climáticas, em especial na população rural. Esta percepção tem como característica

principal a homogeneidade. Entretanto, esta construção é no mínimo contraditória: amplamente difundida e consentida em sua natureza ameaçadora, seus impactos sobre a vida cotidiana da população estudada ainda é pontual, mesmo em áreas marcadas por uma percepção real dos indivíduos sobre alterações no clima local.

REFERÊNCIAS

BECK, U. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DICKENS, P. **Who would know?**: Science, Environmental Risk and the Construction of Theory. University of Sussex, Centre for Urban & Regional Research, 1992.

DOUGLAS, M. **Risk and blame**: essays in Cultural Theory. London: Routledge, 1994.

EKBERG, M. **The parameters of the Risk Society**: a review and exploration. *Current Sociology*, v. 55, n. 3, p. 343-366, 2007.

GIDDENS, A. **A vida em uma sociedade pós-tradicional**. In: GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. "Modernização Reflexiva. Política, tradição e estética na ordem social moderna". São Paulo: UNESP, 1997